

# FUTEBOL: A HISTÓRIA SUCUMBIDA PELA INTOLERÂNCIA RACIAL

IGOR MOREIRA DIAS PEREIRA,  
DALVA AZEVEDO DE GOIS  
Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo (SP), Brasil  
rolucig@yahoo.com.br

## Introdução

Eu tenho um sonho. O sonho de ver meus filhos julgados por sua personalidade, não pela cor de sua pele.

*Martin Luther King*

O futebol chegou ao Brasil em 1894, trazido por Charles Müller<sup>1</sup>, tendo, após algum tempo, o esporte-bretão tornado-se indispensável para a vida de muitos brasileiros, principalmente depois de sua massificação.

A reinvenção da nossa forma de jogar foi conspícua na expansão dessa prática, tendo os negros e mestiços papel primordial em tamanha transformação, conforme nos afirma Junior.

Esparramado no mapa-mundi, o Brasil é um dos países onde predominam temperaturas quentes, o que concorre para que se rompam certas alianças rituais do cotidiano, prevalecendo uma cultura do improvisado, que se expressa na forma com que negros e mestiços lidam com adversidade criando alternativas com um verdadeiro valor. Assim, as camadas subalternas apropriam-se do essencial das quatro linhas para determinar seu próprio estilo. Coloca-se a bola para correr no chão, contrariando o jogo aéreo dos ingleses, uma vez que os gramados brasileiros pela secura do solo diferem dos europeus, onde a chuva e a neve predominam (VALDEMAR JÚNIOR, 2013, p.247).

Mas, o que vem ocorrendo no decorrer dos anos é o esquecimento da importância histórica dos negros no contexto do futebol e o racismo e a injúria racial se fazendo presentes rotineiramente em nossos estádios. Em face disso, o presente artigo tem como objetivo discutir a inserção do negro no futebol e sua importância para o desenvolvimento peculiar dessa prática esportiva em nosso país, além de apresentar questões que indicam que a democracia racial por meio do esporte está sendo sucumbida pela intolerância racial na sociedade. A revisão bibliográfica realizada para composição deste texto privilegiou autores que abordam, de forma crítica, as questões em pauta.

## O Negro no Futebol brasileiro

Maranhão nos traz que:

A classe dominante brasileira via-se, no início do século xx, diante do dilema de um enorme contingente populacional negro politicamente emancipado, porém socialmente subalterno. Nas duas primeiras décadas do referido período testemunharam momentos de ruptura institucional e social no Brasil, marcados por expoentes de uma ética voltada à aspiração do retorno à cor «branca», o que deveria ser atingido pelo encorajamento à imigração europeia e pelo abandono do contingente «escuro» da população. Para alguns pensadores, o Brasil devia «purificar-se» de sua herança cultural afro-ameríndia, a qual deveria sucumbir, juntamente com seus representantes, perante o vigor da civilização europeia. Tudo isso reflectia uma busca pelo que se pretendia ser «o povo brasileiro». (MARANHÃO, 2006, p. 435).

<sup>1</sup> A chegada do futebol ao Brasil, ainda hoje, é motivo de discussão nos espaços acadêmicos, dada a busca de um marco inicial ou de um potencial introdutor da prática na sociedade brasileira. No entanto, os mitos fundadores que herdaram tal honraria mais poderiam exemplificar o nascimento dos clubes de futebol na década de 1900 e 1910 no Rio de Janeiro e em São Paulo do que nos dar assertivas sobre a chegada do esporte ao país (CANALE, 2012, p. 27).

Remetemos à história com o propósito de diagnosticar tão quanto racista já era a sociedade brasileira, a ponto de que:

Para os darwinistas sociais da época no Brasil, a «raça» era considerada um factor primordial de desenvolvimento: os Estados Unidos eram industrialmente poderosos porque eram racialmente superiores, enquanto o Brasil, com sua vasta população negra e mestiça, estava destinado ao subdesenvolvimento (MARANHÃO, 2006, p.441).

É de claro consenso que a inserção do negro, do mulato, da dita “classe subalterna” em nossa sociedade, foi primordial para a formação do que venha ser o “povo brasileiro” e do nosso jeito único de jogar, pois essas habilidades eram características oriundas das necessidades de sobrevivência da população.

Essa discussão sobre a formação do povo brasileiro passa por Gilberto Freyre, pensador social nascido em Pernambuco no primeiro ano do século XX, de renome internacional, e reconhecido por sua consistente abordagem sobre a miscigenação das raças. Seu entendimento de que é possível uma sociedade na qual convivam negros, mulatos e brancos, o levou a denunciar atividades racistas, em busca de uma democracia racial.

Maranhão (2006), nos conta que, para Freyre, o grande momento dessa relação, futebol e sociedade, ocorreu na Copa do Mundo de 1938, disputada na França, quando, pela primeira vez o Brasil levou uma seleção composta por negros, brancos e mulatos. Ele entendia que isso era o povo brasileiro.

Maranhão (2006), apresenta o artigo escrito por Gilberto Freyre em 17 de junho de 1938, com o título de: *Football* mulato, para o Jornal Associados de Pernambuco, para discutir a relevância da miscigenação na forma de jogar o nosso futebol.

[...] O nosso estilo de jogar futebol parece-me contrastar com o dos Europeus, por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses, e por eles e por outros europeus jogados tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e sociólogos, o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 1938, apud MARANHÃO, 2006, p. 441)

A propagação da massificação do esporte bretão em nossa sociedade, muito foi dada também pelo oportunismo de Getúlio Vargas em 1938, pós-sucesso da Copa do Mundo da França:

o contexto político/histórico atribulado e o próprio uso do Mundial de 1938 pelo governo de Getúlio Vargas (aproveitando a positiva campanha da equipa) para criar uma certa identificação nacional com a seleção de futebol (pondo altifalantes nas ruas das cidades para as pessoas ouvirem os jogos) contribuíram para que a imagem positiva do que era o «brasileiro», criada por Gilberto Freyre, se enraizasse na sociedade (MARANHÃO, 2006, p. 443).

Outro autor que também discute essa questão é Mário Filho (1947) em seu clássico, “O Negro no Futebol Brasileiro”. Nessa obra, o autor aponta a importância da inserção do negro, do mulato, para a caracterização do futebol nacional, pois, para ele, quando o esporte bretão era jogado com exclusividade pelos brancos, o futebol mais se parecia com algo alienígena, um produto que não era nosso.

Mário Filho acreditava que o futebol era capaz de superar as questões raciais e argumenta: “O futebol apagara a linha de cor. O clube esquecendo-se que tinha preto no time, o preto esquecendo-se, de não lembrar mesmo, que era preto” (MÁRIO FILHO, 1947, p. 308). Prefaciando o “Negro no Futebol Brasileiro”, Gilberto Freyre afirma: “Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisiacas que é [...]” (MÁRIO FILHO, 1947, apud FREYRE, 1947).

Ainda sobre esse tema, Correia (1933), em seu livro “Grandezas e misérias do futebol brasileiro” discorre sobre a importância da miscigenação para a formação do jogador de futebol nacional.

Soares (1999, p. 121) alerta sobre os cuidados de em se pautar as reflexões as ideias de Mário Filho:

Os cientistas sociais que utilizam a obra de Mário Filho a qualificam de verdadeira, objetiva e completa. Parecem anunciar que, de fato, pouco teríamos a dizer sobre o período por ela coberto. Contudo, a utilização acrítica de dados e interpretações do NFB faz com que os "novos narradores" acabem por incorporar o viés nacionalista que inspirou Mário Filho, embora desejem atacar a democracia racial e acentuar o racismo ou a segregação na sociedade brasileira. Deixam de considerar que o NFB e seu autor sofreram as influências dos anos 30 e 40, marcados, sobretudo, pela mentalidade nacionalista e pela esperança da conciliação racial. As elaborações de Mário Filho sofreram a influência não só do pensamento de Gilberto Freyre, mas também de um "freyrismo popular". A visão de Mário Filho, como a de outros intelectuais, artistas e escritores de sua época, está condicionada pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. A mensagem que se poderia extrair dessa visão é a de que não só o nosso racismo seria diferente, como estaríamos superando o racismo, embora os Estados Unidos, com todo o seu desenvolvimento, não o tenham feito. Por essa razão seríamos originais, especiais, e teríamos nossa própria história, identidade e futuro.

Esta parte inicial do artigo apresentou subsídios para o debate sobre a inserção dos negros, mulatos, mestiços na formação da sociedade brasileira e sua relevância na construção do nosso jeito único de fazer futebol. Na sequência, discutiremos de forma sucinta o que é racismo e alguns casos ocorridos em nossos estádios de futebol nesse ano de 2014, em especial o caso “Aranha”.

### **Futebol e racismo uma nostálgica relação**

Afinal, o que é racismo? Para começarmos a responder essa questão nos apropriaremos do minidicionário, Soares e Amora (2009, p.602), que define racismo como: 1. Doutrina que apregoa a superioridade de certas raças; 2. Qualidade, ação ou sentimento de pessoa racista.

Sendo o racismo uma doutrina, um sistema que afirma a superioridade de uma raça sobre outras raças, se faz necessário outra indagação: “O que é um grupo racial?”. Para explorar essa questão buscamos subsídios em Santos (1984, p.11), que nos indica que “pretos e brancos são apenas conjuntos de indivíduos que têm essas cores – nada mais”.

Para esse autor, a ideia de raças vem de ideologias de governos que querem propagar propósitos e realizações e cita o exemplo de Adolf Hitler nas Olimpíadas de 1936, realizada na Alemanha, onde tinha como ideal mostrar ao mundo a superioridade da raça ariana sobre as demais “raças”. E o mundo acompanhou as vitórias de “[...] um crioulo norte-americano, Jesse Owens - o que também não provou nada exceto que era melhor corredor” (SANTOS, 1984, p. 11, 12). E conclui: “O que chamamos raça - negra, branca, amarela, caucasiana, etc.- é apenas um elenco de características anatômicas” (IDEM, p. 12).

O racismo no futebol pode ser entendido como toda e qualquer prática racista, ou seja, xingamentos, sinais insinuantes, direcionados a quaisquer participantes direto das partidas. Sendo assim considerado, no Brasil, casos de racismo<sup>2</sup>, infelizmente, sempre estiveram

---

<sup>2</sup> É de nosso conhecimento a diferença entre racismo e injúria racial, contudo para o presente artigo usaremos a terminologia racismo para abordar esses dois aspectos.

A injúria racial está tipificada no artigo 140, § 3º do Código Penal Brasileiro e consiste em ofender a honra de alguém com a utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem. Já o crime de racismo, previsto na Lei 7.716/89, implica em conduta discriminatória dirigida a um determinado grupo ou coletividade. Considerado mais grave pelo legislador, o crime de racismo é imprescritível e inafiançável, que se procede mediante ação penal pública incondicionada, cabendo também ao Ministério Público a legitimidade para processar

FIEP BULLETIN - Volume 85 - Special Edition - ARTICLE I - 2015 (<http://www.fiepbulletin.net>)

presentes em nossos estádios, contudo, esse ano de 2014, tornou-se notório por dois aspectos: 1) pela incidência de casos, 2) os indivíduos que sofreram tal ação, não se calaram, e denunciaram os ocorridos.

Para ilustrar esse entendimento, apresentamos alguns relatos que configuram abomináveis atos racistas ocorridos em nossos estádios.

COPA LIBERTADORES. Cruzeiro e Real Garcilaso se enfrentam na cidade peruana de Huancayo. Quando o meio-campista cruzeirense Tinga toca na bola, a torcida local imita macaco. [...] o zagueiro Paulão, do Internacional, foi chamado de macaco por um grupo de torcedores gremistas<sup>3</sup>. Em 5 de março, cerca de 20 torcedores do Esportivo, time gaúcho de Bento Gonçalves, exibiram suas verdadeiras faces. O grupo atacou o árbitro Márcio Chagas da Silva por causa da cor de sua pele. “Macaco”, “negrão imundo” e “vagabundo” foram apenas alguns dos impropérios ouvidos por Chagas. Ao chegar ao estacionamento privativo do estádio, encontrou seu carro coberto de cascas de banana. Ao dar a partida no veículo, duas frutas caíram do cano do escapamento. No dia seguinte, o volante Arouca foi agredido. Autor de um golaço de voleio na partida contra o Mogi-Mirim, time do interior de São Paulo, o camisa 5 do Santos foi chamado de “macaco” por um torcedor enquanto concedia entrevistas (MARTINS, 2014)<sup>4</sup>.

O jogador santista, Arouca, quando indagado sobre esse fatídico acontecimento, o mesmo conscientemente declarou que: “o futebol é um espelho da nossa realidade, e isso não se resume apenas a xingamentos racistas<sup>5</sup>”. O árbitro Márcio Chagas da Silva, declarou que “Entre os agressores, havia homens, mas também crianças e adolescentes. Esses meninos nada mais são do que reflexo dos seus responsáveis. Assim se constrói futuros racistas<sup>6</sup>”.

Tão grave quanto, porém com maior repercussão, ocorreu em Porto Alegre no dia 28 de agosto, na Arena Grêmio, na primeira partida das oitavas de final da Copa do Brasil entre Grêmio e Santos. Durante o jogo, a torcedora gremista Patrícia Moreira foi flagrada pelas câmeras de transmissão gritando a palavra "macaco" para o goleiro. Além de Patrícia Moreira, outros torcedores do mesmo time, ofenderam o goleiro santista com gestos e palavras de cunho racista. Esse triste episódio ficou conhecido como “caso Aranha”.

Os mais saudosistas poderiam alegar que esse caso foi motivado pela paixão pela disputa por uma vaga nas quartas-de final da Copa do Brasil, e que a ideia central das ofensas eram desestabilizar o goleiro Aranha, já que o Grêmio perdia o jogo por dois a zero, algo inadmissível. No entanto, 21 dias após, o time da baixada santista volta a enfrentar o mesmo time da capital gaúcha, novamente em seu estádio, mas agora pelo Campeonato Brasileiro de 2014, e o que se viu foi a mesma cena se repetindo: os torcedores do grêmio propagando frases racistas contra o jogador Aranha, só que, dessa vez, esses indivíduos se atentaram e colocaram as mãos em frente à boca, na tentativa de não serem flagrados pelas câmeras de televisão.

O goleiro santista Aranha saiu do campo indignado, dizendo que as vaias eram sinal de que os torcedores gremistas concordavam com as ofensas racistas sofridas por ele.

Tão ou mais trágico que os atos racistas cometidos pela torcida do grêmio, contra o goleiro Aranha, foi a fatídica entrevista concedida por Patrícia Moreira para o jornal gaúcho Zero Hora<sup>7</sup>, segue alguns trechos.

Você se considera racista? Não. Eu não sou racista. Já fiquei com um cara negro. [...] A torcida do Grêmio não é racista, não é.

---

o ofensor. Disponível em: <http://www.mpdf.tj.br/portal/index.php/conhecampdf-t-menu/nucleos-menu/ncleo-de-enfrentamento-discriminacao-mainmenu-130/3047-injuria-racial-x-racismo>. Acesso em: 22/ 10/ 2014.

<sup>3</sup> Trecho do artigo: Uma paixão de todas as cores. Denaldo Alchorne de Souza. Carta na ESCOLA: atualidades em sala de aula.

<sup>4</sup> Trecho do artigo: O racismo entra em campo. Miguel Martins. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/791/o-racismo-entra-em-campo-3465.html>. Acesso em: 22/ 10/ 2014.

<sup>5</sup> Idem à Nota de Rodapé nº 3.

<sup>6</sup> Idem à Nota de Rodapé nº 4.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://m.zerohora.com.br/noticia/4599892/quero-ser-um-simbolo-contr-o-racismo-diz-patricia>. Acesso em 23/ 10/ 2014.

É normal ouvir esse tipo de manifestação na torcida do Grêmio? Sim.  
Você concorda que a palavra macaco não deve ser mais dita no estádio? Concordo, porque perdi minha vida por causa disso. Não tenho mais liberdade de andar na rua, de morar onde eu morava. **Quando vou poder frequentar uma festa de novo com meus amigos?** (Grifo nosso).

Essa torcedora do Grêmio afirma não ser racista por ter “ficado” com um único negro. Afirma ainda, que a torcida gremista não é racista, mas, no entanto, falou que é normal ecoar sons de cunho racista em jogos do seu time e para finalizar, sua preocupação não é ter chamado o goleiro santista de macaco, mas sim de não saber quando vai poder frequentar festas com seus amigos.

A presidente do Brasil, Dilma Rousseff, saiu em defesa das vítimas de racismo, em seu *Twitter* escrevendo: “é inadmissível que o Brasil, a maior nação negra fora da África, conviva com cenas de racismo”<sup>8</sup>.

Para fechar nossas reflexões sobre essa triste parte da nossa história, não podemos deixar de mencionar que o principal ator dessa história, Edson Arantes do Nascimento, o “Rei Pelé”, sempre se omitiu sobre tais acontecimentos.

## Conclusão

Concordamos com Da Matta (2006), quando o antropólogo destaca que o Brasil reinterpreto a forma de jogar futebol, para ele: “O fato é que esse jogo britânico do 'pé na bola' foi reinterpretado no Brasil como a arte da 'bola no pé', o que mudou tudo” (DA MATTA, 2006, p. 157).

É de claro consenso que essa reinterpretação da forma de jogar se deve à inserção de negros, mulatos, mestiços no esporte bretão. Características do improvisado, das habilidades, da destreza motora, da ginga, entre tantas outras características, que vieram da necessidade de sobrevivência do verdadeiro povo brasileiro.

Porém, os fatos citados nesse artigo demonstram que a rica história do nosso futebol vem sendo sucumbida pela segregação racial e a tão sonhada “democracia racial”, por meio do esporte bretão, pensada e acreditada por Gilberto Freyre e Mário Filho, entre outros, está espoliada por uma sociedade racista, preconceituosa, que é a sociedade brasileira.

Uma sociedade hipócrita, que se orgulha de ser o único país pentacampeão mundial de futebol, mas que esquecem serem os negros, mulatos, os grandes responsáveis por essa façanha: Didi em 1958, Garrincha em 1962, Pelé em 1970, Romário em 1994 e Ronaldo 2002. E o ídolo atual do futebol Brasileiro, Neymar, também é negro.

Não podemos nos esquecer da primeira Copa do Mundo realizada no Brasil em 1950, em que o goleiro negro Barbosa foi apontado como principal responsável pela derrota da seleção canarinho. O humorista Chico Anysio ao ser indagado sobre a convocação do goleiro Dida para a Copa da Alemanha de 2006, relata que: “não tenho confiança em goleiro negro. O último foi Barbosa, de triste memória na seleção”. (HUBER et al., 2006, p. 69).

Acreditamos ainda que, um país com a população miscigenada, multicultural como a nossa, deveria caminhar em direção daquilo que o filósofo brasileiro Vladimir Safatle (2012), definiu como sendo “Indiferentes as diferenças”.

## REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19<sup>o</sup> Ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

CANALE, Vitor dos Santos. **Torcidas Organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer**. Campinas, SP: [s.n], 2012.

CORREA, Floriano Peixoto. **Grandezas e Misérias do nosso futebol**. Flores e Mano, 1933.

<sup>8</sup> Trecho do artigo: O racismo entra em campo. Miguel Martins. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/791/o-racismo-entra-em-campo-3465.html>. Acesso em: 22/ 10/ 2014.  
FIEP BULLETIN - Volume 85 - Special Edition - ARTICLE I - 2015 (<http://www.fiepbulletin.net>)

JÚNIOR, Valdemar Valente. **O resultado do futebol: trajetória do esporte bretão no Brasil.** In. Vargas, Angelo (Org.). **Direito no desporto: cultura e contradições.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. p. 247- 253.

DA MATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens:** duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FILHO, MÁRIO (1947), **O Negro no Futebol Brasileiro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A, 1947.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

HUBER, F. et al. Racismo no futebol: considerado um momento de união e de igualdade entre as pessoas, o futebol também traz casos de preconceito racial em sua história. **Eclética**, Jul./Dez. 2006 p. 68-70

MARANHÃO, Thiago. «Apolíneos e dionisíacos»: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do «povo brasileiro». **Análise Social**, vol. XLI (179), 2006, 435-450.

SAFATLE, Vladimir. **A esquerda que não teme dizer seu nome.** São Paulo: Três Estrelas, 2012.

SANTOS, José Rufino. **O que é racismo.** São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1984.

SOARES, Antonio Jorge. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. **Estudos Históricos**, p. 119-143. 1999.

## **FOOTBALL: THE SUCCUMBED HISTORY TO RACIAL INTOLERANCE**

### **Abstract**

This paper is about racial intolerance in Brazilian football, based on the understanding that we are known as the country of football and that adjective was given by our unique way of playing. Our swagger, skill, ability to improvise is a consequence of the formation of the Brazilian people and the sport being the reproduction of the society we live in, our beautiful game acquired this identity, football art, and it also had the inclusion of blacks, and black descendants as the primary factor for this situation. At a time when racial discrimination was exacerbated, Gilberto Freyre and Mário Filho, postulated a racial democracy through football. However, what has been happening throughout history is the spread of racism in our society, with numerous occurrences inside the stadiums. In this year 2014, two points has getting our attention to these fateful events, the incidence of cases and the encouragement of victims to report these attacks. Among these incidents the "Aranha case" had a great impact, however, this does not mean that this case is more serious than the others, the violence of these racist acts are of the same magnitude. To elaborate this paper, it was realized a review of the literature with emphasis on authors who critically address the insertion of black in football and how the desired racial democracy, through sport, has been succumbed by racial intolerance.

**Keywords:** Football. Racism. Societ.

## **FOOTBALL: L'HISTOIRE SUCUMBIDA PAR L'INTOLÉRANCE RACIALE**

### **Resume**

Le présent texte, qu'aborde l'intolérance raciale dans le foot brésilien, part de la compréhension de que nous sommes connus comme le pays du foot et que cet adjectif a été donné par notre jeito unique de jouer. Notre ginga, habilité, capacité d'improvise est conséquence de la formation du village brésilien et, en étant le sport la reproduction de la société en que nous habitons, notre sport bretãou a acquis cette identité, du foot art, et il a eu l'insertion des noirs, mulatos, mestiços comme facteur primordial pour telle situation. Dans une époque en que la discrimination raciale était exacerbada, Gilberto Freyre et Mário Fils, entre autrui, postulavam

une démocratie raciale à travers le foot. Pourtant, ce que vient en arrivant au long de l'histoire est la propagation du racisme dans notre société, avec incontestables occurrences dedans des stades. Cet an de 2014, deux points ils ont appelé attention sur ces fatídicos événements: l'incidence de cas et l'encorajamento des victimes en dénoncer ces agressions. Entre ces incidents le "cas Araignée" il a gagné majeure répercussion, pourtant, cela ne signifie pas que ce cas soit plus grave que les autres, la violence de ces actes racistes ils sont de la même grandeur. Pour élaboration de cet article nous réalisons je revise bibliographique, avec accent en des auteurs qu'ils abordent de forme critique l'insertion du noir dans le foot et comme la rêvée démocratie raciale, par l'intermédiaire du sport, vient en étant succombée par l'intolérance raciale.

**Mots clef:** Foot. Racisme. Société

## **FÚTBOL: LA HISTORIA SUCUMBIDA POR LA INTOLERANCIA RACIAL**

### **Resumen**

El presente texto, que aborda la intolerancia racial en el fútbol brasileño, parte de la comprensión de que somos conocidos como el país del fútbol y que ese adjetivo fue dado por nuestro jeito único de jugar. Nuestra ginga, habilidad, capacidad de improviso es consecuencia de la formación del pueblo brasileño y, siendo el deporte la reproducción de la sociedad en que vivimos, nuestro deporte bretão adquirió esa identidad, del fútbol arte, y tuvo la inserción de los negros, mulatos, mestiços como factor primordial para tal situación. En una época en que la discriminación racial era exacerbada, Gilberto Freyre y Mário Hijo, entre otros, postulavam una democracia racial a través del fútbol. Sin embargo, lo que viene ocurriendo al largo de la historia es la propagación del racismo en nuestra sociedad, con incontestables ocurrencias dentro de los estadios. Ese año de 2014, dos puntos llamaron atención sobre esos fatídicos acontecimientos: la incidencia de casos y el encorajamento de las víctimas en denunciar esas agresiones. Entre esos incidentes lo "si Araña" ganó mayor repercusión, sin embargo, eso no significa que ese caso sea más grave que los otros, la violencia de esos actos racistas son de la misma magnitud. Para elaboración de este artículo realizamos repaso bibliográfico, con énfasis en autores que abordan de forma crítica la inserción del negro en el fútbol y como la soñada democracia racial, por medio del deporte, viene siendo sucumbida por la intolerancia racial.

**Palabras clave:** Fútbol. Racismo. Sociedad

## **FUTEBOL: A HISTÓRIA SUCUMBIDA PELA INTOLERÂNCIA RACIAL**

### **Resumo**

O presente texto aborda a intolerância racial no futebol brasileiro, partindo do entendimento de que somos conhecidos como o país do futebol e que esse adjetivo foi dado pelo nosso jeito único de jogar. A nossa ginga, habilidade, capacidade de improviso é consequência da formação do povo brasileiro e, sendo o esporte a reprodução da sociedade em que vivemos, o nosso esporte bretão adquiriu essa identidade, do futebol arte, e teve a inserção dos negros, mulatos, mestiços como fator primordial para tal situação. Em uma época em que a discriminação racial era exacerbada, Gilberto Freyre e Mário Filho, postulavam uma democracia racial através do futebol. Entretanto, o que vem ocorrendo ao longo da história é a propagação do racismo em nossa sociedade, com inúmeras ocorrências dentro dos estádios. Nesse ano de 2014, dois pontos chamaram atenção sobre esses fatídicos acontecimentos: a incidência de casos e o encorajamento das vítimas em denunciarem essas agressões. Entre esses incidentes o "caso Aranha" ganhou maior repercussão, no entanto, isso não significa que esse caso seja mais grave que os outros, a violência desses atos racistas são da mesma magnitude. Para elaboração deste artigo realizou-se uma revisão da literatura, com ênfase em autores que abordam de forma crítica a inserção do negro no futebol e como a sonhada democracia racial, por meio do esporte, vem sendo sucumbida pela intolerância racial.

**Palavras-chave:** Futebol. Racismo. Sociedade